

TEMPOS LIVRES

SEXUALIDADE

RAZONS PARA NOM AGUARDAR POLO PAPA

Eu nom te espero...

BEATRIZ SANTOS

Eu nom te espero, porque desde os vossos púlpitos fôrom assinalados, até a aniquilaçom e a denúncia oficial, aqueles encontros, aquelas brincadeiras nos fiadeiros, nos bailes ou na escuridade que figérom felizes as gentes de antano, dos tempos nos quais a voz do púlpito invadia mesmo as soidades.

Eu nom te espero, porque graças às vossas homilias misóginas, ocultastes-me e afundastes na maledicência a existência das minhas avós favoritas: as solteiras com crianças, as adúlteras, as mulheres sem homem, as que amavam as mulheres, as putas, as solteiras que frequentavam casados...

Eu nom te espero, porque os teus sacerdotes cheios de ódio predicárom o puritanismo moral e a adoraçom ao ditador e enchêrom os leitros de medo e culpa vestindo a mulher com camisa nocturna com buraco.

Eu nom te espero, polos teus discursos homófobos, cegos aos amores de mosteiro e convento que tam formosos

versos de sodomia e lesbianismo nom confesso legárom à literatura.

Aqueles que te esperam pecam-che de pensamento, palavra, obra e mais ainda de omisom. Como bons católicos apostólicos romanos silandeiamente masturbam-se-che, practicam-che o adultério, abortam, copulam sem se che casarem, tomam anticonceptivos, gloriám a promiscuidade, vem filmes pornográficos, amam pessoas do seu mesmo sexo, tenhem fantasias com pessoas que nom som os seus santos casais e "aqui paz e depois glória". Bem sabido é que a hipocrisia, a mentira e a dupla moral abundam nas multitudes que te aguardam. Que seria se nom da morbosidade dos confessionários e da eucaristia...

Sem te esperar, boa maneira de ignorar-te pode ser fazer do pecado do corpo, o vosso eixo do mal, umha grande festa.

E já que a luxúria nom che é tanta e as orgias som-che mais bem escasas, ter como escusa a tua invasom para perverter os sacrossantos lugares temche também o seu ponto...

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

PARA PENSOS HIGIÉNICOS E TAMPONS

Alternativas reutilizáveis (I)

TONI LODEIRO

Os pensos higiénicos e tampons de um único uso podem ser de produçom convencional ou "ecológica". Estes últimos, à venda em tendas especializadas em alimentos "eco", nom deixam de implicar um alto custo de matérias primas e energia em fabricaçom, embalagem e gestom de resíduos, mais o transporte asociado a cada umha destas actividades. Isso sim, a sua composiçom fai-nas mais saudáveis e menos contaminantes. Os ingredientes da parte absorvente costumam provir da produçom ecológica (algodom) ou plantaçoms sustentáveis (celulose) e nom se branquejam com cloro nem derivados. A capa impermeável (plásticos) costuma ser obtida a partir de vegetais. Tampouco contem tintas nem perfumes. Todo isto reduz a possibilidade de produzirem irritaçoms ou alergias.

Nos sistemas de gestom de resíduos sólidos urbanos nom se consideram recicláveis e acabam em vertedoiros ou incineradoras. O orgânico (tampons) nom é considerado apto para a compostagem pola presença de sangue. No caso dos pensos higiénicos, seleccioná-los aparte e separar a parte orgânica (celulose)

das petroderivadas (plásticos, geles "superabsorventes", partes adesivas) implicaria um extra de trabalho e custo difícil de assumir.

O uso de alternativas reutilizáveis (pensos higiénicos laváveis, copas menstruais e tampons de esponja marinha) reduz à mínima expressom tanto o custo em euros como o impacto ambiental dos produtos de higiene menstrual feminina. Compram-se umha vez e duram muitos anos, e o mantimento que precisam e mínimo (os descartáveis também nos obrigam a ir comprar e a sacar o lixo regularmente). E um efeito colateral mui importante dos reutilizáveis: ao fazer-nos entrar em contacto com os fluidos para o seu mantimento, ajudam-nos a rachar com a daninha cultura de rejeitarmos o corpo e as suas secreçoms promovida pola publicidade, e a tomar consciência dos processos corporais ao observarmos as mudanças na quantidade de sangue e no seu cheiro e densidade ao longo do ciclo. Desde redcopadeluna.webnode.com/enlaces podes aceder a diversas páginas web, livros e filmes sobre menstruaçom, auto-conhecimento feminino e ciclo menstrual.

<http://www.nodo50.org/consumirmenosvivirmejor>

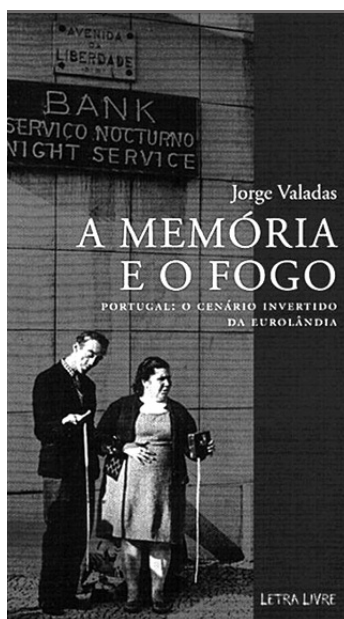
ENTRELINHAS

PORTUGAL E O LUME

PEPE ÁRIAS / Impregnada a crítica social de conformismo perante as supostas vitórias que nom se materializam, a leitura e a reflexom devem ocupar um papel central dentro do activismo. Devemos abrir-nos nom só às nossas problemáticas locais e nacionais, mas também pensar noutros mundos, noutras realidades que nos permitam compreender melhor o chao que pisamos. Jorge Valadas assim o fai recompondo fragmentos da história de Portugal. Nom fala dos mitos fundacionais do Estado-naçom, senom de todos aqueles elementos que sendo genuinamente portugueses costumam ser esquecidos polo seu jacobinismo. O relato trasla-

da-nos aos utopistas e anarquistas de inícios do S. XX, comparando as problemáticas do passado com o presente, impregnado de consumismo e de polícia. Como em todos os países normais.

Contodo, muitas vezes temos a sensaçom de que os vasos comunicantes entre a Galiza e Portugal som estéreis, nom permitem a comunicaçom mais que como fragmentos, como se falássemos na mesma língua mas em códigos diferentes. As linhas dessa história linear que se estuda nos liceus e nas universidades fragmentam-se e descomponhem-se no relato de Valadas. Se bem os galegos eram desprezados como povo migrante polos portugueses, a dia de hoje



estes jogam-se a vida cruzando a fronteira para poderem trabalhar no Estado espanhol. Mas em contra do que acontecia no caso galego, os novos migrantes portugueses som incapazes de se estabelecerem em comunidade, estendendo os seus costumes no projecto imperial fracassado do que som negadores inconscientes.

No contexto dos Estados sem soberania, Portugal paga os custos da crise de umha forma destrutiva, sendo a base da sua economia a turifistificaçom, eliminando todos os elementos que algumha vez compujérom a sociedade rural tradicional. Se bem a Uniom Europeia nom deixa de ser o chiringuito daquilo que na velha linguagem mar-

xista chamaríamos potências regionais, o autor fai referência aos elementos que constituem essa realidade. Assim a degradaçom criaria um enorme espectáculo. A essa construçom denominou-na a Eurlândia, magma de subculturas guiadas polo consumo.

Chamar o livro *literatura* no sentido de ficçom, seria cometer um enorme erro. Estamos perante umha leitura fundamental para conhecermos o país vizinho para além do futebol-espectáculo com sede em Madrid.

VALADAS, Jorge. A memória e o fogo. Portugal: o cenário invertido da Eurlândia. Ed. Letra Livre, Lisboa, 2ª edição do 2010.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubrindo a Historia da nosa nazón, divulgándoa e pondo en valor.

No último número apresetase umha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

Nome Apellidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscripción Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

www.revistamurguia.com



TEMPOS LIVRES

SEXUALIDADE

O DESCONHECIDO FEITO SEXUAL HUMANO

Sexologia substantiva

BEATRIZ SANTOS

Sexo-logia: do latim *sexus* e do grego *logos* = tratado ou estudo do sexo. Substantiva: nom adjectiva senom que nomeia por si mesma, enche de substância, fai primar a substância de aquilo a que se aplica... De que noçom de sexo parte a Sexologia substantiva?

Nom da do sexo que se fai. A erótica seria umha parcelinha adjectiva. Nom da do sexo que se tem: os genitais, esgotados na restriçom coito-cópula. Nos dous casos toma-se umha parte e perde-se o todo numha curiosa metonímia.

Haverá que partir entom do sexo que se é. Haverá que diferenciar um par de conceitos. Sexuaçom: nom dous sexos, senom duas ideias. Dous pólos dum continuo em que, nalgum ponto, toda pessoa se situa. Os materiais tanto masculinos como femininos están sempre em cada quem, impossível nom os ter, o que varia em todo caso é a proporçom.

Sexaçom: ou o que se dou em chamar etiquetagem sexual. E aqui sim que só se pode falar de dimorfismo ho-

mem-mulher e a parte de maior poder recai na auto-etiquetagem. Que som eu para mim, mulher ou homem?

Ideia forte da sexologia substantiva é a afirmaçom de que o sexo que se é, que cada pessoa é, nom se educa, e tampouco se reeduca. O que se pode educar/reeducar/cultivar é o jeito de viver e viver-se com esses materiais que conformam a própria estrutura (sexualidade); ou o jeito de praticar, sonhar, experimentar, fantasiar, gozar... dessas estruturas (erótica). Mas nom se podem educar as estruturas em si. Com o costume de falar, ou escuitar falar, de sexo como sinónimo de coito, genitais, orgasmo, encontros eróticos variados... a sexologia substantiva pode soar estranha. Sobre-dimensionado como está o conceito de género, em detrimento da má focagem e pobre e sujo sexo, a sexologia substantiva pode parecer anacrónica.

Mas a questom é que este modelo explica de modo impecável o feito sexual humano, esse grande desconhecido que fala dos sujeitos sexuados, sexuais, eróticos e amantes, ou seja Nós.

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

PARA PENSOS E TAMPONS DESCARTÁVEIS

Alternativas reutilizáveis (II)

TONI LODEIRO

As copas menstruais e as esponjas marinhas introduzem-se na vagina e recolhem (as copas) ou absorvem (as esponjas) o sangue. Como os tampons, permitem correr, nadar... comodamente. Pola sua menor (esponjas) ou nula (copas) capacidade absorvente em comparaçom com os tampons, estas alternativas nom ressecam o meio vaginal. Á hora da muda, escorre-se (esponjas) ou vazia-se (copas) o sangue, enxuga-se o utensílio, e volta-se a introduzir. Entre períodos, um lavado com sabom (copas) ou com água e vinagre (esponjas) é suficiente.

As copas som, se quadra, a alternativa mais cómoda pola extrema singeleza do seu mantimento e porque (os pensos de pano também) "agüentam" toda a noite, polo que o número de mulheres que as usam medra exponencialmente. A copa custa uns 30 euros e dura vários anos. O jogo de dous tampons de esponja custa 16 euros¹ e dura uns dous anos, mas se compramos umha esponja maior (melhor nom branquejada)¹ podemos fabricar nós mesmas de jeito mui singelo mais tampóns por menos dinheiro.

As esponjas som recolhidas no fundo marinho e, ainda que a sua exploraçom poderia

ser sustentável¹, o seu lento crescimento junto a umha demanda que excede as reservas existentes² inclinam-me a apostar preferentemente polas copas. Estas som de silicone (empregado em medicina para usos internos como marca-passos), que se fabrica a partir de rocha de seixo, o mineral mais abundante na cortiça terrestre, o que unido à longa vida útil das copas converte o impacto ambiental do produto em insignificante.

Pessoalmente participo em *Rede Copa de Lua*, projecto de economia solidária que faz divulgação, assessoramento, distribuiçom e venda de alternativas menstruais. Entre as comercializadoras de copas optamos pola britânica *Mooncup* pola sua exemplar ética empresarial. Na nossa web redcopadeluna.webnode.com podedes encontrar muita informaçom interessante para saber mais deste apaixonante tema e um foro de usuárias onde resolver dúvidas.

O próximo mês: pensos (e protectores de cuecas) de pano e conclusons.

1. jadeandpearl.com/spanish.pdf

2. aquahoy.com/index.php?option=com_content&task=view&id=639

<http://www.nodo50.org/consumirmenosvivirmejor>

ENTRELINHAS

DEFESA DO TERRITÓRIO E NACIONALISMO

FUCO LOPES / O conflito social e ambiental tem um papel destacado em toda a evoluçom da história recente dos movimentos populares. Talvez, o elemento que mudou nos últimos anos fosse precisamente a valorizaçom de conjunto que merecem, já que desde a fundaçom da UPG em 1964 até a criaçom de Galiza nom se vende, os conflitos ambientais eram subordinados a outros elementos. Assim para o nacionalismo maioritário e para o independentismo a verdadeira consciência nacional e social viria das luitas salariais, fazendo um importante trabalho sindical que com as contradiçons das diferentes linhas e interesses que pervivem no seu seio, hoje

continua a ter um papel importante. Mas este elemento impediu valorizar a centralidade que adquiriram as luitas pola defesa do território, sobretudo para as populaçons que se vem dentro delas. O presente livro, editado pola Escola Popular Galega e polo galizalivre.org, questiona esse papel secundário das luitas pola defesa do território no desenvolvimento dos acontecimentos, e oferece umha reflexom colectiva e anónima de cara ao que denominam socialismo da interrupçom. Faz-se pertinente a revisom dos textos da época, profundamente desenvolvimentistas, com as luitas populares pola defesa dos montes comuns, contra a central nuclear de



Xove ou contra as auto-vias. Parece que existe um desfase importante entre a produçom teórica do nacionalismo e as luitas que este protagonizou.

Hoje o capitalismo do centro e da periferia depende mais do transporte de mercadorias que da produçom industrial, deslocalizada a países do chamado Terceiro Mundo. A única forma de incrementar o consumo é precisamente a circulaçom de mercadorias e de turistas mediante grandes infraestruturas como as auto-vias e o AVE. Na degradaçom ambiental da Galiza, projectos como os campos de golfe e os portos desportivos criam um espaço para o consumo que degrada a vida na-

tural, o território e sobretudo, as pessoas que vivem nele. As luitas pola defesa do território som radicais em tanto que impedem a circulaçom de divisas e de mercadorias, criam umha consciência de comunidade de resistência e sentam umha ideia central para nós: nom poderemos ter umha Terra livre enquanto existir o capitalismo.

Estamos diante dum livro que deveria ser queimado na prática e na teoria que tenha vinculaçom com a militância. Sem isso as suas teses carecem de valor.

A defesa da Terra e a dialéctica do progresso. *Escola Popular Galega & galizalivre.org*, Vigo, 2010

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubrindo a Historia da nosa nazón, divulgándoa e pondo en valor.

No último número apresetase umha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do *Leabar Gabhala* que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

Nome Apellidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscripción Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

www.revistamurguia.com



TEMPOS LIVRES

SEXUALIDADE

SIDA E ERÓTICA ENTRE HOMENS

VIH e homossexualidade

BEATRIZ SANTOS

Para o dia internacional contra a SIDA, a Direcção Geral da Saúde Pública publicou um relatório em que se constata, na Galiza, um aumento de quase 50% nos contágios de VIH entre homens que mantêm encontros eróticos com homens: de 39 casos em 2004 a 74 em 2009 (a progressão é: 2004-39; 2005-50; 2006-61; 2007-64; 2008-68; 2009-74). A SIDA passou de ser umha doença com umha alta e pronta mortalidade a ser umha doença com umha alta esperança de vida.

O VIH transmite-se basicamente quando um fluido corporal (sangue, sêmen, fluxo vaginal) com suficiente carga viral entra em contacto com feridas ou microferidas abertas e sangrantes, freqüentemente feitas no momento, que favorecem que o vírus passe para o torrente sanguíneo. No coito anal sem preservativo dá-se estas circunstâncias.

Talvez é preciso, perante estes dados, fazermos algumas reflexões:

Como influencia no aumento de contágios o facto de ver-se a SIDA já nom como doença mortal senom crónica?

A mudança normalizadora repercutiu ou nom na transmissão de VIH e no aumento de seropositivos? Se for as-

sim, de que modo?

Quando os encontros eróticos entre homens eram mais marginais que na actualidade, levavam-se a cabo as mesmas práticas eróticas?

Combinar tranquilamente com outro homem favorece mais ou menos o coito anal? E o uso do preservativo?

Umha pessoa "normalizada" e "digna" pode transmitir a imagem de NOM potencial transmissora?

Por outro lado, encontra um adolescente homossexual umha boa educação sexual no seu âmbito?

A recomendação abusiva do preservativo nom favorece que as práticas eróticas entre homens sejam monopolizadas por umha única de entre todas as possíveis?

Está suficientemente tratado o reconhecimento do desejo entre homens pola educação sexual, polos comités anti-SIDA e os próprios colectivos lgbt?

É o mesmo procurar umha subida de adrenalina do que procurar alguém a quem se deseje? Que características acarreta cada atitude? Que práticas? Que riscos potenciais?

Em definitivo, que procuram os homens que desejam homens nos seus encontros e por que 'se metem em mais problemas' que em 2004?

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

PARA PENSOS E TAMPONS DESCARTÁVEIS

Alternativas reutilizáveis (III)

TONI LODEIRO

No anterior Novas, no artigo desta mesma secção, um erro fijo que no segundo parágrafo "desaparecessem" as seguintes ligações, úteis para ampliar informação sobre tampões de esponja marinha e sobre as possibilidades de autoconfecção: pasionporvivir.es/productos/feminidad/tampones-de-esponja, bebeseecologicos.es/node/453, libertaire.free.fr/ofm2.html

E já que vai de autoconfecção, na Casa das Atochas da Corunha tem-se feito um atelier¹ para aprender a fazer pensos e protegeslips de pano e tampões de esponja, se alguém tiver interesse em contactar com a mestra eu poderia proporcionar-lhe o seu contacto.

Os pensos e protegeslips de pano podem ser lavados na lavadora com o resto da roupa. Se depois de tirá-los lavamos à mão o mais gordo e os deixamos a remolho em água fria, as nódoas saem melhor. A opção mais económica é fazê-los umha mesma, na rede há muita informação que nos pode guiar². Comprando um jogo de doce pensos "made in península ibérica" pode-nos sair entre os 22€ que custariam os confeccionados por Vera Martins no Porto³ (de algodão estampado, geralmente aproveitado de retalhos) e os 60-100€ que nos custariam os Primal, confeccionados em Almeria (entre os quais poderíamos optar polo mais recomendável, o modelo "cru", sem branquejantes nem tintas) por

Bebés Ecológicos. No caso dos pensos antes citados, ambos têm asas com botões que as fazem mais confortáveis. O maior preço dos "almerienses" entende-se em parte pola maior qualidade dos seus componentes (algodão e bambu de cultivo ecológico). Nos Primal podemos escolher entre três tamanhos: pequeno (protegeslips), mediano (penso "normal") e grande (penso "de noite") segundo o que precisarmos.

As alternativas reutilizáveis custam mais ao começo, mas a inversão é amortizada em poucos meses. Por isso e pola sua durabilidade, em geral, podemos permitir gastar um pouquinho mais e apostar nas marcas mais comprometidas com os nossos valores. Concretamente no caso das copas, há muitas marcas, e nalguns casos as diferenças entre as diferentes empresas som notáveis. Em redcopadeluna.webnode.org podemos encontrar um texto que elaboramos com os critérios a ter em conta à hora de escolher que copa comprar. Na nossa opinião, Mooncup é o fabricante mais recomendável.

- casadasatochas.info/2010/04/13/obradora-de-confeccion-de-salvaslips-e-compresas-de-tela/
- labyrinth.net.au/~obsidian/clothpads/links_make.html, casadasatochas.info/2010/04/13/obradora-de-confeccion-de-salvaslips-e-compresas-de-tela/
- centrovegetariano.org/loja/Cat-43-Vera%2BMartins.html

ENTRELINHAS

CONTRA O ESQUECIMENTO

CARLOS C. VARELA / A categoria disso que pomposamente chamam 'literatura' nasce da cisão com a vida, do mesmo jeito que a sabedoria do contar do povo só é literatura quando deixa de contar-se e passa a ficar escrita sob a rubrica hipócrita e contraditória de 'literatura oral'. Em Futuro imperfecto a linguagem e a realidade caminham da mão, com sinceridade total. Isto, certamente, nom é um livro. É bem mais.

Testemunho em primeira pessoa do plural -um "nós" que se chama Xulia e Nico-, as suas páginas som

um esconjuro daquela geração da Galiza dos 80 que conheceu as drogas pola primeira vez, com a ilusão de pensar que tomaram um regime que morreu de morte morrida. Umha geração que passou da clandestinidade da luta contra Franco à clandestinidade das terríveis siglas da SIDA. Páginas de crónica da nossa história mais recente, umha guerrilha contra umha enfermidade desconhecida, com a sua "particular agenda de amigos mortos" numha Compostela onde "junto à ilusão que o momento político favorecia, se insta-

lou o negócio florescente das sociedades modernas: as drogas".

Como a carícia dumha mão deformada polo trabalho é à vez amorosa e dura. Sem mostrar compaixão nem por si mesma, mas também sem esquivar pudorosamente os sentimentos mais íntimos. Nom se poupa em palavras nos momentos mais amargos, nom se cai na recriação típica de quem trafica com a dor alheia. Longe do que se puder pensar, o romance destila umha intensa alegria de viver até nos momentos mais duros: as tardes na praia do

Vao ou os partidos do Celta com os amigos, todo arredor da maré dum amor de mirada atlântica.

Num país em que a épica está à volta da esquina, tornada a paisagem, Xulia encontrou rearme na "memória da resistência", como ela lhe chama. Os recordos da família no campo de concentração, na emigração em Nova Iorque e Buenos Aires, recordos do tio-avô fugindo polos montes da Rua das gadoupas fascistas, do seu pai ainda criança ouvindo no quartelinho como malhavam no seu avô; mas, sobretudo, a re-

sistência perene das avós e da mãe, de Rosa, de Olímpia e Flora, estirpe de luitadoras.

Quiçá porque a literatura é algo demasiado importante como para deixar em mãos dos literatos, Xulia pegou na pluma para escrever este livro. Por isso e por fidelidade a umha memória compartilhada e a missom de herdá-la. Transparência, como a das águas de Afife, e a beleza do poder destrutivo das suas ondas. Um exemplo de vida.

Alonso Díaz, Xulia. Futuro imperfecto. Ed. Galaxia, Vigo, 2010.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubrindo a Historia da nosa nación, divulgándoa e pondo en valor.

No último número aprésentase umha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

www.revistamurguia.com

Nome Apellidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscrición Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

